

## Interação<sup>1</sup>

Jaume Cela e Juli Palou\*

### ▪ A classe é o cenário...

Quando um caminhão deixa na entrada da escola mesas e cadeiras para reposição, a primeira coisa que perguntamos é quem vai levá-las para a sala de aula, e a segunda coisa é se chegaram todas as que pedimos, ou se por alguma razão absurda, mas real, vamos ter que nos conformar com algumas a menos. Com o que não estamos acostumados a nos preocupar é se chegou a nossa mesa. Porque o mais comum é que não falte. A mesa do professor ou professora é uma das peças mais importantes da mobília que compõe o cenário da classe.

Quando acomodamos esta mesa, desenhamos um espaço concreto. Ao redor dela costuma haver um território pelo qual podemos nos mover com absoluta liberdade. O círculo que nos separa dos alunos é maior do que o círculo que os separa entre si. A nossa intimidade não é negociável, a deles, porém, não costuma ser o que mais se respeita. Além disso, o mais freqüente é colocar a mesa maior, a nossa, perto da lousa, com que já temos um espaço de liberdade com um valor sobreposto muito interessante: o poder da palavra. Sobre o que diz respeito ao domínio do tempo, o outorgamos a nós cada início de curso, quando combinamos horas e minutos para que possam entrar na descrição todas as disciplinas, cada uma segundo sua categoria.

Dessa maneira, entramos em cena com um horário indiscutível – se encontram tantos interesses atrás de qualquer horário! – com um espaço reservado e, principalmente, com o domínio absoluto da palavra. Os educadores estão acostumados a ser os grandes donos da palavra. Falamos quando e quanto queremos, perguntamos a quem queremos o que queremos e exigimos silêncio quando nos interessa. Se é certa a crença que diz que quando um quarto se torna vazio, sem ninguém, se escutam as vozes dos que o habitaram, em uma classe solitária se ouviria a voz do professor ou da professora e o tom de pergunta seria o mais abundante. Com certeza, quem inventou aquilo de “falar pelos cotovelos” estava observando alguém relacionado profissionalmente com a docência.

Não chegar a dar aula, isto é, quando cabe a possibilidade de que outros invadam de maneira impune qualquer de nossos domínios, é um dos grandes terrores de nossa profissão. Sabemos o que se espera de nós, através do que sabemos também por onde podem aparecer os dentes mais afiados do conflito. Todo aquele que transgride a norma é motivo de preocupação: quem se move sem permissão, quem, na hora prevista, não está disposto a raciocinar segundo os cânones de determinada matéria o quem não se cala quando se deve. Não importa muito se o conjunto é plausível ou não, o importante é que se atue com a disciplina suficiente para que a peça possa continuar.

Nenhum cenário é neutro e o espaço de onde lecionamos não escapa dessa regra. A primeira dificuldade que temos, quando se fala sobre interação na classe, precisamente é o que implica dirigir toda a cultura escolar socialmente acumulada em uma direção diferente. As escolas onde nos movemos estão planejadas para que alguém explique e para que os demais atendam. Essa imagem é, por sua vez, a que socialmente funciona. Acreditar na importância da interação a partir de posturas inocentes não é bom nem aconselhável. Temos que saber que o cenário escolar, com toda a sua carga simbólica, condiciona e impõe suas normas. Para modificar estas normas somente vemos um caminho: acordar de maneira coletiva que a situação pode mudar. As alternativas, para que isso realmente seja assim, devem acontecer no âmbito de conselho de classe, no âmbito escolar.

### ▪ ... de uma representação em que todos tenham o seu papel

A classe, esse lugar chamado classe, é um espaço concebido para trabalhar. Esta é a função principal. Não trabalhar significa perder tempo. Na classe, como acabamos de comentar, os papéis estão distribuídos da seguinte maneira: um organiza o que os outros têm que fazer, ou, o que é a mesma coisa, cabe ao educador levar a batuta do que acontece. O resultado deste

<sup>1</sup> Tradução ao português por: Adriana Marcelle de Andrade e Josilady Xavier (FFLCH-USP)  
Jaume Cela e Regina Palou são professores.

trabalho não é anônimo. Os alunos sabem muito bem que suas atuações serão submetidas a um julgamento.

O marco em que nos movemos é o que acabamos de descrever. Realmente é esta a situação de que mais gostamos? Responder não é fácil. A verdade é que uma grande tradição nos deixou este legado. As escolas costumam estar delineadas para que seja assim e nossa cultura profissional tem compridas e imensas raízes nessa maneira de conceber o que acontece na classe. Não é uma invenção nossa, é o que socialmente chegamos a conciliar. Dado o marco, o que acontece dentro dele pode estar marcado de antemão ou pode ser motivo de negociação. Muitas vezes em nossos projetos centrais destacamos a importância de educar em uma cultura democrática. No entanto, continuamos nós mesmos tomando decisões, sobre as quais nossos alunos teriam muito o que dizer. A democracia começa na classe, fazendo com que o espaço e o tempo se organizem em função das necessidades dos alunos, e não ao contrário.

Quando tudo já está decidido, não vale à pena opinar. Quando o saber se serve enlatado, eles e elas só terão duas opções: reproduzir docemente o aprendido ou reivindicar o seu papel, em geral com atitudes francamente hostis e desagradáveis. É necessário atrever-se a compartilhar, dar a palavra e a interagir sabendo que isto leva muito mais longe do que perguntar de vez em quando ou deixar um espaço para que digam se nossa exposição ficou suficientemente clara.

Optar pelo caminho da negociação não é o mais fácil, já que representa inclinar-se de uma maneira clara por uma escola democrática. Sabemos que a palavra *democracia* se encontra em cada uma das páginas de milhares e milhares de projetos educativos, mas sabemos também que em nenhum caso quer dizer o mesmo, nem tem as mesmas implicações. Em umas ocasiões se trata unicamente de uma palavra e, em outras, da vontade explícita de situar um lugar adequado aos que têm que ser os verdadeiros protagonistas da ação educativa. A escola democrática não é o caminho fácil, porque implica freqüentemente virar um sentido contrario ao que é habitual. Em uma escola democrática se exige mais a cada um dos atores, porque não existem figurantes e porque é mais fácil repetir um papel aprendido de memória que mudar, segundo as circunstâncias, de texto, máscara e vestuário.

Escola democrática e interação vão de braços dados. Uma é impensável sem a outra e ambas tomam um relevo especial quando concebemos a educação como a capacidade para solucionar problemas. Carles Lladó, nos comentários que fez para este **Tema do Mês**, explica isso com uma grande sensibilidade: a educação faz parte do processo de iniciação dos meninos e das meninas naquilo que caracteriza a civilização humana, a conversação. Uma conversação que se iniciou em um bosque primitivo e que se foi articulando durante os séculos. Educar é o processo que nos inicia nesta conversação, através da qual aprendemos a reconhecer as distintas vozes (a nossa, a dos outros, a da história) e através do que adquirimos os hábitos intelectuais e morais para continuá-la.

### **Algumas propostas**

**A palavra da vida. O gesto acompanha. O olhar é conhecimento. Mas a palavra também pode humilhar. O gesto, indicar despotismo. E um olhar, como o da mítica medusa, é capaz de dar a qualquer ser vivo a imobilidade de uma pedra.**

**Na classe se interage em uma direção ou em outra. Se educar é construir o *nós* com os *outros* - como diria Gerardo Diego -, então estas seguem são nossas propostas:**

**Saber que o único mundo especificamente humano que existe é o que construímos entre todos e todas dia a dia.**

**Fazer um esforço para conhecer quem é quem na sala de aula.**

**Ensinar e adotar compromissos na comunicação: saber que o falar implica o dizer coisas.**

**Estabelecer contatos formais e informais.**

**Tentar ser bons receptores de todas as linguagens.**

**Diversificar as estratégias para que os alunos interajam entre eles.**

**Falara, olhar, rir... e fazer todo o possível para criar um clima de aula que seja acolhedor.**

▪ ... e tenham interesse em fazer ouvir sua voz e expressar-se

Julián apenas fala. Você diria que ele acredita que paga impostos ou pedágio por cada sílaba. Mas olha, olha como ninguém e quando te escuta inclina o corpo pra frente, como se saísse a receber cada palavra. E toma as suas mãos e chega a saber de você o que os outros ignoram. Frequentemente, você tem a sensação de que Julián é o que mais te entende.

Para Maria, as coisas do Instituto não vão nem bem nem mal. Procura fazer seus trabalhos e se prepara para cada avaliação como se tratasse de uma final olímpica, ainda que as notas são obstinadas e nem sempre refletem isso. Antes a matemática não lhe interessava em absoluto, porque tinha a sensação de que entre duas palavras ela não entendia uma, esta era precisamente a que o seu professor escolhia para explicar os segredos dos números. Uma manhã, Maria colocou uma jaqueta horrível. Sentia duas enormes pedras em cima das pálpebras e só tinha vontade de chorar. Seu professor de matemática se aproximou dela e lhe disse que se não estivesse se sentindo bem que saísse da classe ou que dormisse um pouco com os braços cruzados em cima da mesa. Quando terminou a classe, acompanhou-a até à caixa de primeiros socorros do Instituto e lhe deu uma aspirina. Depois ficou um tempo conversando com ela, sobre o humano e o divino. Maria ficou de cama por uma semana. A primeira aula de matemática que teve, depois de superada a gripe, já lhe parecia diferente. Agora as palavras continuam sendo complicadas do mesmo jeito, mas como se alguém lhes tivesse colocado música. Não é que agora entenda tudo, não. Mas escuta tudo com um interesse especial, com vontade de saber o que se esconde realmente atrás da melodia que chega a seus ouvidos.

Todos que temos gastado sapatos e voz em uma classe sabemos que às vezes as palavras, os gestos, os olhares e inclusive as brincadeiras fluem de maneira tranqüila e ajudam a criar um clima agradável. Nestes casos existe a sensação de que o fato de cruzar a porta não implica expressar outro *ego* frio, distante e encouraçado, capaz de impor respeito só com a sua presença. Quem precisa atuar sistematicamente desta última maneira vive com uma sensação exaustiva. Além disso, nestes casos a autoridade atua como um verdadeiro depredador com todos os sentimentos profissionais, e acaba por fazer-nos acreditar que estar numa classe é liberar uma tensão constante, o que só se ganha quando se impõe de maneira definitiva o medo. Para Maria, a única coisa que lhe fazia falta era encontrar, atrás das incompreensíveis palavras, uma voz que também podia ser cálida. E foi suficiente para isso um pouco de conversa informal. Um bom clima na classe também se trabalha fora, no pátio, no corredor, onde for, em qualquer lugar que nos permita falar um pouco de você a você com cada menino, com cada menina, conhecer sua maneira de ser, seus problemas, sua maneira de pensar e de conviver na classe.

Às vezes a aproximação entre as pessoas realizamos com palavras, mas nem sempre. A comunicação humana não está baseada na palavra. E inclusive nos atrevemos a assegurar que nos momentos de auge a palavra desaparece e atuam outras formas de comunicação mais eficazes, mais próximas ao que queremos transmitir. Existem na comunicação outros elementos significativos tão importantes como a oralidade. Olhares, gestos, convenções sociais, etc., que influenciam na mensagem oral e inclusive podem modificá-la.

Quantas vezes sabemos que o nosso interlocutor mente pela maneira como nos olha? Quantas vezes sabemos que alguém se esconde atrás e uma cascata oral, simplesmente pela maneira de movimentar-se? Quanta informação recebemos quando alguém nos aperta a mão ou a coloca em cima do nosso ombro? Como medir a intensidade da pressão dessa mão? Não existe uma gramática do gesto tão contundente como a gramática da comunicação oral ou escrita. Mas nossa intuição nos leva a interpretar de uma maneira mais correta a mensagem profunda subjacente em uma ato comunicativo distanciado da escravidão da palavra. Este tipo de inter-relações deve ser observado e interpretado pelo professor ou professora, uma vez que nos podem aproximar a esse ser que tenta nos fazer saber algo. Para Julián, sem ir mais longe.

Ninguém fala por falar. As crianças pequenas quando pedem água para seu pai ou sua mãe não o fazem para exercitar-se no uso de uma palavra tão bem soante como *água*, mas porque têm sede. Toda atividade lingüística é uma atuação humana. A língua é utilizada para fazer coisas. E achamos mesmo que algo muito semelhante poderíamos afirmar de cada olhar, de cada gesto, de cada movimento de nosso corpo. De alguma maneira tudo comunica. Os professores devemos também ser grandes receptores de todas as linguagens e saber entender o que nos querem fazer entender em cada movimento.

Montserrat Company distingue duas maneiras de atuar. Por um lado, estariam os educadores que consideram a classe como uma soma de indivíduos. Por outro, os que a vêem como uma instituição com vida própria e em evolução constante. A primeira opção implica adotar estratégias que tendem a criar hierarquias dentro do grupo. A segunda está ligada a estratégias para potencializar as possibilidades de cada indivíduo. Sua proposta é clara: um tutor ou tutora deve conhecer a história pessoal de cada aluno, sua circunstância específica, sua forma de se comunicar e, com esta informação, tem que desenhar, juntamente com o resto dos professores e professoras que intervenham no grupo, maneiras concretas de intervenção.

- ... para aprender de maneira conjunta

Há quem afirma que uma das leis que governa nossa existência sempre conduz os fracassos ante os focos, enquanto se encarrega de deixar em uma tímida e discreta penumbra os êxitos. Existia entre os educadores uma versão específica desta lei que poderíamos resumir desta maneira: quando um aluno ou uma aluna aprende, é que tal aluno ou aluna tem uma inteligência notável, no caso contrário, quando não aprende, a responsabilidade é do professor ou da professora.

Observe que escrevemos *existia*, no lugar de *existe*. A razão é muito simples. Hoje em dia, quando se fala de aprender, se leva em conta mais alguma coisa que o nível de inteligência e a maneira de ensinar. Ninguém é uma lousa em branco, nem a sabedoria se esconde em poços escuros. A força capaz de mobilizar toda a aprendizagem está situada em um ponto intermediário. Se aprende a partir do contraste entre o que sabemos e o que recebemos, entre o novo e o dado, o que diria Kant.

Para muitos que, a partir de uma perspectiva ou outra, nos preocupamos por saber o que podemos fazer para melhorar a aprendizagem, o interesse se deslocou até o coletivo. Íamos enganados. Nem a mesma ciência evolui tal como nos têm explicado durante anos e anos. Os científicos não acessam a nenhuma verdade absoluta. A única coisa que fazem é expor os conhecimentos que se desprendem de suas pesquisas ao debate coletivo sobre um tema. E inclusive mais: não investigam a partir do zero, partem sempre de suas intuições, de suas idéias prévias. Portanto, aquilo que acreditam antes de saber mais não é neutro e o que aprendem não é nada que possa se considerar como verdade absoluta. A ciência progride porque as crenças que parecem ser mais racionais são debatidas. Definitivamente, para explicar o que acontece e por que motivo acontece, não é necessário mexer atrás do cenário da vida, porque a realidade não se esconde atrás de nenhuma cortina. A realidade não é prévia a nada, simplesmente é construída, a constróem todos aqueles que refletem sobre ela.

Em pequena escala, na escola acontece o mesmo: não se aprende através de se expor nem por explicações ou observações. Se aprende quando umas e outras se enfrentam às nossas concepções, para rebatê-las e finalmente modificá-las. Aprender não tem nada a ver com uma atitude passiva e sim tem muito a ver com o fato de resistir com os outros as próprias convicções. Não aprende você. Nem aprendo eu. Aprendemos se somos capazes de sermos nós. Esta é a reprovação.

No horizonte que desenhamos existem talvez mais dúvidas que certezas, mas sim do que falamos é de educar e não de fabricar em série, temos que aceitar a reprovação. A nossa é, não há nenhuma dúvida, uma profissão de risco.

**O planejamento de tarefas escolares requer tempo, treino e ofício. São muitas as coisas que devem ser previstas durante a semana, mas são mais ainda as que devem ser improvisadas se queremos repostas adequadas às necessidades que surgem no dia a dia. É aqui, principalmente, onde o professorado aprende da prática.**

▪ **Livro de gênese**

Em um princípio, na maioria das escolas reinava o implícito. Tudo se fazia partindo de leis que não estavam escritas, que não haviam sido formuladas de uma maneira explícita. E estas escolas iam fazendo. Algumas acertavam e outras não. A vida é assim, inclusive no princípio dos princípios.

E uma voz clamou: "Que se façam os projetos educativos". E os estamentos das escolas se reuniram e se criaram as comissões. Inclusive as subcomissões. E se espalharam artigos. Inclusive foram lidos. E a comunidade educativa exclamou: "Já sabemos o que é o projeto educativo: devemos fazer explícito o implícito, mas em nível geral. Partiremos de onde estamos e veremos onde queremos chegar, e que tipo de pessoas queremos moldar, que cidadão ou cidadã queremos criar, mas sabendo que já o estamos formando e que estamos nos formando também". Algo assim se disseram. E as comissões e subcomissões se reuniram. Algumas a altas horas da noite, quando os alheios ao mundo da escola estavam maravilhados diante da caixa brilhante. E entraram em acordo. Sobre tantas coisas que chegaram a um consenso! E quando redataram o projeto educativo convocaram um conselho escolar e o aprovaram. Alguns beberam uma tacinha de champanhe ou vinho de La Rioja, de Riveiro ou do Penedés. E todos se alegraram e convieram em afirmar que era bom. E descansaram.

Mas durou pouco o repouso, porque a voz clamou entre as nuvens: "Que se façam os regulamentos de regime interior". E já temos a comunidade educativa revoltada. "Mas, se já temos os projetos educativos!", se diziam aqueles e aquelas que sonhavam em fazer média nos claustros. E os mais lidos explicavam: "Claro, e vimos que era bom, mas o regulamento de regime interior põe em letra pequena os grandes princípios do projeto educativo." Alguns defendiam que este documento era mais importante que o anterior, porque regulamentava o cotidiano, e já sabemos que em matéria de educação valem mais as distâncias curtas, o dia a dia, que os grandes nomes sublinhados e em negrito, mas que não se encaranam nas relações e na vida escolar.

E outra vez as comissões e as subcomissões reunidas. E outra vez o casal do professor ou professora esperando que o buraco da cama se enchesse em alguma hora da madrugada. E se fizeram os regulamentos de regime interior e se explicitaram sob a luz intensa dos projetos educativos. E outras vezes abriram garrafas de vinho. E os redatores se olharam uns aos outros com expressão maravilhada e viram que era bom. E descansaram.

Mas pouco durou o descanso, porque a voz voltou a inundar o remanso escolar: "Que haja o projeto curricular". E nesta vez alguém se manifestou, reprimindo um sorriso: "Cuidado, o projeto curricular é um documento profissional". E todos entenderam a mensagem: os pais e as mães, os alunos e as alunas, o do Conselho Municipal e o pessoal não docente ficaram às portas do paraíso. Nós, os mestres e as mestras, os professores e as professoras, somos os que sabemos o que, quando e como ensinar e o que, quando e como avaliar. Muito faremos se explicamos isso em um conselho escolar aos estamentos não profissionais.

E se criaram as comissões e subcomissões de mestre e mestras, professores e professoras. Os mais agoureiros, murmuravam: "E quando nos reuniremos, se temos a semana inteira". E os que por amor ao seu ofício davam seu tempo foram generosos com os mediocres, que se converteram em goma de mascar. As horas se alargavam e o tempo para comer e ruminar os alimentos se esgotava. E se explicitaram os projetos curriculares. Inclusive programaram eixos transversais e formaram cidadãos e cidadãs saudáveis, com uma boa informação sexual, amantes da paz, solidários, ecológicos, consumistas, que sabiam por onde deviam cruzar uma avenida cheia de máquinas barulhentas. E os seus autores e autoras celebraram-no abrindo outra garrafinha. E viram que era bom. E decidiram descansar.

Porém a voz era insaciável e clamava outra vez. Agora exigia o plano atual. E a memória do plano anual. E o plano de gestão. E o plano econômico. E outros planos, todos eles existentes, mas que deveriam ser explicitados e avaliados. Em algumas ocasiões era preciso enviar uma cópia para a inspeção, já que os inspetores e as inspetoras têm também os seus planos implícitos que

precisam tornar explícitos. Todos e todas somos filhos – e filhas, claro – do mesmo Senhor. Todos e todas fazemos parte de um plano. Do plano de planos. Isso sim, explícitos.

E quando todos os planos já haviam terminado, viu-se que era muito bom.

Até que um dia descobriu-se que era preciso voltar ao começo, visto que já eram outros tempos e algumas considerações, alguns pontos, já estavam absoletos. E o Conselho recordou a Sísifo. Mas como eram bons profissionais, sabiam que Sísifo poderia ser feliz.

#### • Livro de Samuel

Samuel, o jovem professor, com pouca prática, com pouca experiência, com menos pontos que uma redação infantil, havia juntado todos os documentos explicitados. Reconhecia neles muito suor e horas perdidas de sonhos de maçapão. Seus olhos se umedeciam quando reconhecia que o ponto *f*, do apartado *c*, do documento *m*, que dormia tranqüilamente na estante 16, era sugestão sua. Era tanta a sua emoção, que xerocou a página para dá-la de presente a sua mãe, quem a mostraria com muito orgulho maternal a familiares e vizinhas.

Era uma segunda-feira e o jovem Samuel tinha a programação da semana. Na sexta-feira anterior havia se reunido, em sessão, com Noemi, sua colega de trabalho. Na quinta-feira, haviam comemorado a reunião de ciclo e haviam comentado diversos da importância da leitura no ciclo em que não estavam suficientemente claros. Junto com Noemi, programaria a semana. “O terceiro nível de concretização”, dizia Samuel, com a alegria restabelecida. Sobrou um pouco de tempo, e falaram de um tema ligado a resolução de conflitos. Samuel se lembrou do que dizia o regulamento de regime interior e que influenciava no caso que estava em cima da mesa. Noemi parecia estar no sétimo céu.

Ou seja, que o jovem Samuel sabia o que ia fazer naquela segunda-feira. Tinha tudo anotado. Hora a hora, minuto a minuto. Segundo a ..., não, não sejamos exagerados. Havia refletido sobre o uso do espaço e havia tomado algumas decisões para que a atividade que havia planejado atingisse o seu objetivo, sobretudo o trabalho final por grupos. Havia preparado diferentes atividades, que respondiam a necessidade de desenvolver diversas capacidades em meninos e meninas diferentes também. Felizmente diferentes. Havia organizado o material. Havia verificado o funcionamento do vídeo, já que a base da sessão consistia de um breve documentário sobre as abelhas. E se havia certificado de que a sala de vídeo não tivesse outros usuários na mesma hora.

Tudo estava amarrado e bem amarrado. Samuel entra na sala, dá boas vindas aos seus alunos e alunas que o esperam reunidos em pequenos grupos que se inter-relacionam – antes se batizava essa atividade com o verbo *falar* e os alunos eram penalizados quando o professor fazia a sua entrada e os falantes não paravam de falar – sobre temas diversos que não têm nada a ver com a organização social das abelhas. Comenta com Miguel um pequeno detalhe de seu trabalho do dia anterior. Pergunta a Susana o motivo da sua expressão seca como o coração de um malvado de filmes. Samuel é um bom aprendiz de professor e sabe que o começo marcará o resto do dia. Permite que as inter-relações continuem durante um breve espaço de tempo.

Depois de cinco minutos – mais ou menos – pede a cada um que assente suas nádegas no lugar que lhe é atribuído. E inicia a aula com uma pergunta estimulante, uma pergunta que serve para amarrar o tema às experiências prévias dos seus alunos e alunas para que o processo seja o mais significativo possível: “Quem já levou uma picada de abelha? Dez mãos se levantam. Se inicia um diálogo. João não sofreu nenhum acidente relacionado com as abelhas, porém conta que seu pai tem um primo em Astúrias que fez o serviço militar em Jaén. Ai Senhor, este João está sempre nas nuvens!

Samuel anota na lousa os detalhes mais importantes. Classifica-os e os relaciona. Usa diferentes tipos de letras para facilitar a compreensão do esquema. Esclarece a diferença entre abelhas e vespas. Antônia, que necessita melhorar em ortografia, aprende a diferenciar “abelha” de “ovelha”.

O desenvolvimento da atividade segue as pautas programadas por Samuel. Tudo responde a uma ordem que se inicia no projeto educativo do centro. Samuel está feliz. Começa a perceber que alguns mostram sintomas de fadiga. Há chegado o momento de iniciar o ponto *b*. É preciso mudar de atividade. Os meninos e meninas copiam o esquema da lousa. Depois se dirigem a sala de vídeo para ver o documentário.

Pede a Rosário que feche as cortinas. Conecta o vídeo e este faz um barulhinho estranho. A imagem não aparece. O deus do imprevisível, brincalhão como os deuses mais jovens, entrou na aula e decidiu complicar tudo.

Samuel se lembra de seu cursinho sobre "Eletricidade básica para professores e professoras de primário, adaptado ao uso das novas tecnologias segundo Vygostki", e tenta resolver o problema, no entanto não encontra a falha. Talvez o tenham explicado o dia que não pôde ir ao curso, porque de maneira imprevisível, apresentaram-se na escola os pais de Francisco e ele teve de atender-los.

Começa a sobrar peças. Susana tenta ajudar-lo e consegue que o sistema nervoso de Samuel se transforme em uma máquina de trem disposta a atropelar todas as ovelhinhas emigrantes que encontrar no seu caminho. E chega o caos. Isso não estava previsto e Samuel não sabe o que fazer. Sem querer, Samuel é um escravo da programação. Sua falta de experiência gera insegurança. Agarrou-se a ela como o naufrago ao pedaço de madeira. Samuel sofre quando chove inesperadamente, quando não o avisaram na noite anterior no programa dedicado ao tempo, e com isso não pôde prever o que fazer na meia hora de pátio. Sofre quando o calor é excessivo e o suor impede o desenvolvimento da atividade que havia programado.

Afoga-se quando não tem anotado em um papel toda a seqüência didática.

- **Algumas propostas**

**Analisar a coerência entre os diferentes instrumentos que regulam o cotidiano de cada escola. Essa análise nos ajudará a diminuir alguns imprevistos que acontecem justamente por problemas de coerência.**

**Saber que os instrumentos que regulam a vida de cada escola não são documentos feitos para ficarem armazenados nas estantes. Devem estar carregados de vida, como os livros que amamos e que estão enrugados, com manchas de café com leite do café da manhã, já que não podemos deixar de lê-los nem ao princípio do dia.**

**Conscientizar-se de que a aparição do imprevisível é previsível – daí o nome – y que deve ser acolhido com a mais alta tranqüilidade. O imprevisível também tem caráter educativo.**

**Valorizar a importância de uma relação afetiva sólida entre os professores e os alunos, já que uma boa base afetiva, faz com que o imprevisível não tenha um caráter trágico.**

**Fortalecer o trabalho em equipe, porque o que pra mim é imprevisível, para outro pode ser a coisa mais familiar do mundo.**

**Deixar de caminhar pela vida com cara de previsível. O imprevisível está mais próximo da poesia e da surpresa..., em resumo: o sal da vida.**

- **Livro de Noemi**

Noemi, a colega de trabalho de Samuel, tem mais experiência. Por isso, aprendeu a relativizar várias questões. Assim, para ela, a programação não passa de um ponto de referência que convive ao lado de outras referências. Noemi tem uma grande quantidade de idéias armazenadas na sua cabeça que pode aproveitar nos momentos em que o Senhor Imprevisível resolve aparecer. Ela sabe tirar proveito de qualquer situação. Quando aconteceu de o vídeo quebrar, pensou que talvez obtivesse algum resultado comparando as abelhas reais com a abelha Maya. O resultado do debate foi um resumo das diferenças existentes entre a linguagem científica e a artística. Quando termina a aula, Noemi pode perceber que seus alunos e alunas aprenderam coisas que não estavam previstas para esse dia.

Assim, Noemi distingue o previsível dentro do imprevisível, já que era previsível, embora não estivesse dentro do programado, que as crianças tivessem interesse em comentar a guerra do Golfo quando se iniciou o conflito do absolutamente imprevisível, assim como o fato de o canário de Miguel ter morrido, e ele esteja feito um mar de lágrimas já no começo da aula.

- **Livro da Sabedoria**

Samuel aprenderá, com o passar do tempo a tirar vantagem de tudo aquilo que pertence à realidade, mas que escapa a qualquer esquema e fará como Noemi, que não improvisa, senão que adapta o que seus alunos devem aprender à situação concreta que lhe é apresentada.

Nenhum dos dois pode se esquecer de que para aprender é necessário um planejamento prévio, a seleção e sistematização dos conteúdos, mas que muitas vezes esse planejamento não deve passar por cima do interesse real de um tema, em muitas ocasiões, imprevisto, e das necessidades concretas que têm os alunos e alunas.

Neste ofício, devemos conduzir o imprevisível até o previsível. É uma questão de equilíbrio. E isso se consegue, sobretudo, com a experiência.

- **Livro dos Salmos**

Oh Senhor, nos ajude a tirar proveito do imprevisível, já que o imprevisível, mais que o previsível, nos faz mais humanos.

Senhor, nos ajude a fazer nossas as palavras de Rosa Maria Ramirez, professora primária, quando afirma que: " Na nossa profissão o imprevisível é tão importante quanto o previsível. Ser professor é praticar um tipo de arte, porque por mais que você prepare e que conheça seus alunos e alunas, e que preveja numerosas situações, sempre aparecem outras que te surpreendem e que você precisa resolver.

O bom professor ou a boa professora será aquele que além de ter as atividades bem preparadas, tenha uma grande capacidade para adequar-se de forma eficaz e eficiente, a cada situação. Em outras palavras, tem que ser um estrategista. Mas isso não é fácil. Não é fácil tomar tantas decisões como as que se tomam em uma aula, e acertar sempre. É impossível que todas sejam adequadas para todos os que compõem o grupo e ainda mais quando as relações entre os professores e seus alunos são assimétricas.

"Devemos seguir fazendo nosso trabalho o melhor que pudermos em cada momento, sem perder a calma e, acima de tudo, sem perder a alegria, manifestando nossa insatisfação às crianças. Isto é o que mais nos faz falta: bom humor e compreensão".

Rosa Maria tem razão. Senhor, nos ajude a tornar realidade sua proposta.

- **Conclusão**

Somos como Napoleão, porém em plano pacífico. Ele foi um bom estrategista, mesmo que tendo perdido algumas batalhas.

### **O Espaço** Jaume Cela e Juli Palou

*Os espaços escolares costumam ser uniformes e estáticos, mas com imaginação podem se adaptar e se transformar para atender a diferentes necessidades individuais e coletivas. Em classes grandes ou pequenas é possível construir dinâmicas apaixonantes para a investigação e um conhecimento mais significativo.*

- **O Senhor Antena nos visita**

É desolador passear por uma escola em tempo de férias. Tem algo como de uma paisagem depois da batalha. Nada parece ter sentido, porque qualquer espaço adquire sua dimensão mais significativa quando existe o ser humano que o explica, que o modifica, ao mesmo tempo que se sente transformado por esse mesmo espaço. O ser humano é, ao mesmo tempo ator e espectador. Moldador do espaço e figura que o espaço concreto molda. Ao mesmo tempo criador e criatura.

Imaginemos por um momento que fazemos parte da dupla protagonista do seriado de televisão *Arquivo X*. Estamos atrás de um estranho personagem que escapou da sua nave interplanetária em viagem de estudos pela Terra, e que decidiu dar uma volta por um centro educativo com a intenção de elaborar um relatório detalhado de suas observações. Senhor Antena, o chamaremos assim porque nele brilha um prolongamento onde nós temos nossas simpáticas orelhas.

O Senhor Antena chega ao centro educativo. Penetra em seu interior através da parede. Não estragou e nem quebrou nada. Só por isso já devemos agradecer-lhe, já que dispomos de poucos recursos e só nos faltava ter de dispor de algum dinheirinho para resolver essas avarias causadas por um visitante tão singular.

O Senhor Antena poderia formular perguntas semelhantes a estas: Por que tanta uniformidade? Por que vinte e cinco mesas iguais e uma diferente? Por que essas vinte e cinco mesas estão situadas na frente dessa mesa singular? Por que essa mesa tem chave e as outras não? Por que existe um lugar chamado banheiro que tem sabonete e papel higiênico e um letreiro escrito "Professores" – os mais modernos apregoam algo como "Professores/as" –? Por que se reservam banheiros para os alunos e outros para as alunas e isso não acontece nos outros casos? Os que não fazem parte do quadro de docentes, que banheiro vão usar no caso de ter as mesmas necessidades que os outros habitantes deste curioso espaço? Nos banheiros reservados para as alunas têm espelho, e no dos alunos não. Por quê? Por que existe uma sala de professores/as e não existe uma para os alunos/as? Por que nos espaços que parecem reservados aos seres mais diminutos desta comunidade existem zonas diferenciadas e à medida que aumenta o tamanho das mesas e das cadeiras tudo parece ser mais uniforme? O que acontece no pátio? Por que há marcas nas quadras que parecem indicar a existência de algumas atividades esportivas – futebolísticas, em grande maioria – e não existem marcas que facilitem outros jogos?

Que atividades extraordinárias se desenvolvem em espaços singulares catalogados como biblioteca, laboratório, sala de audiovisual, sala de informática, escritório do diretor/a, etc.

O visitante deduziria que o espaço não é uma variável neutra e que em cada um ocorre algum tipo de relação que pode favorecer algumas atitudes frente a outras. Tudo é questão da hierarquia de valores que ilumine o trabalho educativo.

Antes que o Senhor Antena pudesse chegar a algumas conclusões, nós dispararíamos nossas pistolas *Superlaser 26* e o deixaríamos inconsciente e preparado para transformar-se em carne de laboratório.

- **Dos espaços mais particulares aos mais coletivos**

Em um centro educativo, o grupo que mais dispõe de espaços privados é o dos educadores.

O diretor e algum outro membro da equipe diretiva tem um escritório próprio. É um território seguro. Cada usuário conhece esse espaço palmo a palmo. Aí está minha mesa e minha poltrona. Meu armário e meu computador. E o maldito telefone que não para de tocar o dia inteiro. Esse escritório se torna também, o lugar de encontro com os outros educadores. Nele se dão dois tipos de inter-relações. Uma são distendidas. Aproveita-se para comemorar o resultado de um jogo de

futebol do domingo, para falar sobre a última mudança ministerial, para nos horrorizarmos com a última guerra iniciada em algum lugar longe desse mundo cão, para comentar alguma fofoca, para explicar uma brincadeira. As outras inter-relações são mais formais: receber as famílias, ao representante de uma editora que quer apresentar as novidades anuais, ou ao médico que realizará as revisões marcadas pela lei. E também é o espaço que será usado para falar com alguns alunos e alunas que na maior parte das vezes, irão receber uma repreensão.

Este espaço é um lugar seguro para o diretor ou a diretora, mas pode transformar-se em um lugar horrível para aquele aluno que atrapalha a aula, no seu espaço, e, por isso, é isolado do grupo. É importante ter isto em conta, porque o escritório do diretor ou da diretora deveria ser um lugar de tranqüilidade para os alunos e não a ante-sala da condenação.

A sala dos professores é um espaço coletivo e restringido para esse grupo. É usada para preparar as aulas, para ler um artigo, para trocar opiniões, para tomar um café e conversar sobre tudo o que seja humano ou divino. Também para realizar as reuniões gerais. As decisões que definem o contexto mais amplo do trabalho educativo costumam-se tomar nesse espaço. Isso requer que seja um lugar bem iluminado, sem interrupções exteriores – nada de telefones –, que permita um intercâmbio de opiniões sossegado. É também o espaço destinado a canalizar a informação. Em um lugar destacado estão os cartazes com as notícias que afetam a vida escolar, com a cópia do último decreto, com a convocatória dos cursos de formação permanente. E uma pequena biblioteca-mediateca que contenha as novidades que mereçam destaque.

As orientações estão reservadas, sobretudo, aos educadores. Utilizam-se para celebrar reuniões de ciclo e de nível, para receber as famílias para entrevistar aos alunos, para preparar atividades. Devem ser lugares acolhedores, que facilitem o trabalho docente.

E os banheiros, mas esse espaço já foi suficientemente comentado com as perguntas do Senhor Antena, que chegou a conclusão de que nós, os mais velhos, necessitamos mais intimidade e mais espaço para fazer o mesmo que o resto dos mortais. Os banheiros são, na maioria dos centros educativos, um sinal claro de discriminação.

#### • O Pátio

Se fizéssemos uma pesquisa entre os estudantes e as estudantes de um centro educativo, este espaço seria, provavelmente, o mais desejado. Nos pátios estão os lugares onde se pode jogar e onde se pode escapar com um maior índice de sucesso do olhar inquisitorial do professor.

Os pátios costumam ser espaços rudes. A maioria não tem jardim, e isso resulta uma dificuldade, sobretudo quando seus usuários estão começando a adolescência. É difícil encontrar um lugar tranqüilo para as confissões íntimas. Poucas pessoas estão preparadas para explicar os seus segredos mais ocultos debaixo de um sol abrasador. Além disso, devemos reconhecer que estão pensados para os jogos que atraem a pessoas masculinas.

Mas devemos reconhecer também que o pátio é um lugar ideal para que seja administrado pelos alunos, sem que isso signifique que os professores possam esquecer-se de suas responsabilidades. Organizar os sub-espacos, os horários, o material, os tipos de jogos que devem ser praticados e os que devem ser proibidos são decisões que podem ser tomadas pelos próprios alunos e alunas nas assembléias de aula e compartilhar as decisões nas reuniões de delegados e delegadas.

O pátio é o primeiro lugar do encontro. À medida que se abandona, aumenta o nível de formalização das inter-relações. Não é necessário que o aviso de entrada para as aulas seja uma sirene que lembre as fábricas do início do século. Ou uma campanha barulhenta que acerte como uma pancada aos tímpanos ainda meio dormidos como se fossem bigornas de ferreiro. O sinal pode ser uma música da moda ou uma peça clássica que acaricie aos ouvidos, eleitas pelos próprios alunos.

#### Algumas propostas

**Repetir várias vezes a cada manhã, depois de tomar banho e de escovar os dentes, o seguinte: a escola não é minha. Não é dos professores e nem das professoras. É, sobretudo, dos alunos e das alunas. Por tanto, facilitarei a criação de espaços destinados a esse grupo.**

**Analisar o uso dos espaços coletivos e conscientizar este uso.**

**Aprender a tirar proveito dos corredores, dos cantos, dos pátios..., para criar novos espaços.**

**Potencializar a intervenção dos alunos e das alunas para regularizar os espaços coletivos da escola.**

**Dar uma volta pelas salas da pré-escola e primeiro ciclo fundamental para observar a diversificação dos espaços.**

**Ser muito consciente de que o espaço em que nos movemos, corredores e pátios incluídos, tem de ser agradável, porque a estética é um valor educativo.**

**Evitar que na chegada da primavera ainda estejam pendurados nas paredes os murais que fizemos para o Natal.**

### **Chegamos ao Santa Santorum**

E agora sim. Decidimos abordar já o Santa Santorum: a sala de aula.

Mas cuidado, porque a sala de aula costuma ser um espaço fechado e os espaços fechados são tradicionais nas tragédias, assim como os abertos são nas aventuras.

Há uma série de decisões que deveríamos tomar se queremos evitar que a tragédia seja o gênero que se desenvolva dentro das salas de aula. Estes fatores são os seguintes:

- Tentar fazer com que a classe seja um espaço de participação. Dessa maneira facilitaremos que os alunos e alunas a sintam como sua.
- Conseguir que os alunos e alunas tenham voz na distribuição dos móveis e do material.
- Criar subdivisões para usos diversos.
- Ter presente a existência de alunos e alunas especiais.
- Promover a criação artística para que seja um espaço acolhedor e responsabilizar aos usuários para que essa estética varie.
- Superar, na medida do possível, com a utilização freqüente de outros lugares da escola, a escassez de espaço.

Deveríamos potencializar os debates anuais e a avaliação das decisões sobre esse tema ou outros similares. As conclusões podem fazer parte do regulamento do regime interior.

### **Os outros espaços comuns**

É importante que nestes espaços comuns – biblioteca, sala de audiovisuais, ginásio, etcétera – se conheçam as normas de funcionamento e os horários de utilização para evitar surpresas de última hora.

Além disso, esses espaços são os primeiros que podem abrir-se para a realidade social na qual a escola está submersa. Constituem modelos de ensaio para se chegar a conseguir que os centros educativos sejam estabelecimentos que possam ser utilizados pelo resto da população fora dos horários escolares.

### **Umhas gotas de utopia**

Na escola passamos boa parte da nossa vida. É um palco destacado por muitas experiências que nos marcarão profundamente. A reflexão do conjunto da comunidade educativa sobre esse tema, precisa ser incluída nos pontos das organizações sociais no dia das reuniões de todos os setores que configuram uma escola.

Atualmente, os espaços escolares estão pensados para agrupar alunos e alunas por idade. Lembram muito a foram de uma caderneta quadricular: tantos alunos e alunas por sala, alunos e alunas da mesma idade com um professor a frente.

Sonhemos com uma escola mais aberta, com lugares distribuídos segundo critérios diversos. Espaços em que alunos e alunas possam se reunir em função de interesses e de necessidades que não sejam sempre as que se compartilham com o mesmo grupo. E assim até o final dos tempos.

É um sonho que podemos ir tornando realidade. Em pequenas doses, já que somos conscientes das dificuldades que implicam essa proposta.

Parece-nos que era Borges quem dizia que *a realidade sempre é póstuma*. Imaginemos uma escola um pouco diferente. Mais aberta. Mais de todos. E de todas. É o primeiro passo para a sua transformação.